



RELATÓRIO FOTOGRÁFICO
ATIVIDADES EM CAMPINAS/SP
Projeto *“Educação popular feminista
para implementar políticas públicas voltadas para o
tráfico de mulheres e meninas”*
Termo de Fomento: 865464/2018





⇒ **22/01/2019:** Evento Preparatório (Vitória Hotel Residence New Port)

⇒ **21/02/2019:** Painel Público (Câmara Municipal)

⇒ **22/02/2019:** Seminário de Capacitação (Vitória Hotel Residence New Port)





REALIZAÇÃO





APOIO



SECRETARIA NACIONAL DE
POLÍTICAS PARA MULHERES

MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS





PARCERIA NACIONAL





PARCERIA LOCAL CAMPINAS/SP



Parceria em Campinas/SP





OBJETIVOS DAS ATIVIDADES



- Contribuir para a ampliação e o acúmulo da discussão sobre o tema do tráfico de mulheres dentro do movimento feminista e na sociedade como um todo.
- Aumentar a sensibilidade da mídia e da opinião pública sobre a gravidade dessas questões, como consequência das desigualdades de gênero.
- Embasar políticas públicas de prevenção, repressão, responsabilização e atendimento às vítimas, priorizando ações voltadas para os direitos humanos.
- Considerando-se o preconceito e a criminalização das vítimas, contribuir para implementar uma dinâmica de construção/ desconstrução de conceitos chave relacionados ao tráfico de pessoas, com atores diversos, visando à desvinculação das leis de crime organizado e de migração.
- Aumentar a sensibilidade da opinião pública, mídia, gestores públicos e lideranças dos movimentos sociais sobre a gravidade do tráfico de mulheres como resultante das desigualdades de gênero, classe, raça, orientação sexual/identidade de gênero e geracional na sociedade, bem como do tráfico de pessoas em geral.
- Difundir amplamente as informações sobre os riscos que podem levar ao tráfico de mulheres; medidas de prevenção; o Disque 100 e o Ligue 180, da SNPM/PR.
- Fortalecer a rede de serviços contra o tráfico humano, tanto em âmbito das organizações governamentais como não governamentais e de universidades, com vistas a ampliar a luta pelo enfrentamento do tráfico sexual e, logo, da violência contra a mulher.

Seminário Preparatório

22/01/2019



O seminário preparatório, que aconteceu em 22/01/2019, no salão de eventos do Vitória Hotel Residence New Port, reunindo a diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz, Vera Vieira, e cerca de vinte lideranças representantes das parcerias locais, que atuam em ONGs, órgãos públicos e universidades, é decisivo para o sucesso das atividades. Na ocasião, foi dado início ao processo de construção coletiva, em termos logísticos, metodológicos e de conteúdo.



Painel Público

21/02/2019



Convite eletrônico utilizado na divulgação



PAINEL PÚBLICO EM CAMPINAS/SP
TRÁFICO DE MULHERES E MENINAS:
educação popular feminista para
implementar políticas públicas

21 de fevereiro de 2019 - quinta-feira - das 19h30 às 22h
no auditório da Câmara Municipal de Campinas
Av. da Saudade, 1004, Ponte Preta

com a participação de lideranças e autoridades

Palestrantes: Vera Vieira (Associação Mulheres pela Paz), Amelinha Teles (União de Mulheres de São Paulo), Sidélia Silva (Coletivo de Mulheres Negras Lélia Gonzalez), Sílvia Jeni Luiz Pereira de Brito (Departamento de Operações de Assistência Social da Prefeitura de Campinas), Mariana Conti (vereadora).

Realização: 

Parceria Nacional: 

Apoio: 

Parceria em Campinas/SP: 

Painel Público

21/02/2019 – Câmara Municipal



Vera Vieira iniciou o painel – realizado na noite de 21/02/2019, na Câmara Municipal de Campinas – fornecendo detalhes do projeto e as principais informações sobre a trágica realidade do tráfico de mulheres e meninas. Apresentou, também, os resultados da pesquisa inédita sobre a percepção da sociedade sobre o tráfico de mulheres, desenvolvida em parceria com o Instituto Datafolha. Amelinha Teles, fundadora da União de Mulheres de São Paulo, abordou a Lei 13.344/2016, específica sobre prevenção e repressão ao tráfico interno e internacional de pessoas. Izalene Tiene, assistente social, ex prefeita de Campinas e missionária na Amazônia, falou sobre sua experiência com a temática nas regiões fronteiriças do norte do país. Sidélia Silva, do Coletivo de Mulheres Negras Lélia Gonzalez, fez uma análise da problemática sob a perspectiva do recorte étnico-racial. Elza Fratini Montali, representando a Secretaria Municipal de Assistência Social, Pessoa com Deficiência e Direitos Humanos, destacou que “a questão do tráfico de pessoas é muito semelhante à questão da violência doméstica em relação à culpabilização da vítima. Há a necessidade urgente do trabalho preventivo e de proteção às vítimas”. Ao final, houve um rico debate com o público participante.



Seminário de Capacitação

22/02/2019



O Seminário de Capacitação em Campinas/SP, realizado no salão de eventos do Vitória Hotel Residence New Port, contou com a participação de 50 lideranças efetivas ou potenciais, que atuam junto a ONGs, órgãos do governo e universidades, conforme programação da agenda na página seguinte.



AGENDA

Seminário de Capacitação

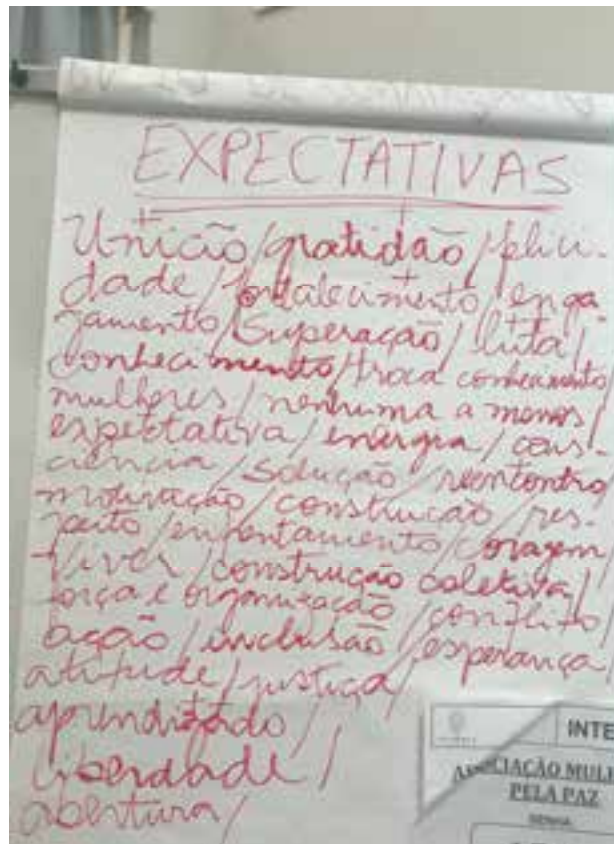


| 22/02/2019 – sexta-feira | |
|--------------------------|--|
| Horário | Atividade |
| 9h às 9h30 | Dinâmica de apresentação e levantamento de expectativas |
| 9h30 às 10h | Apresentação do projeto e dos principais resultados da pesquisa nacional Percepção da Sociedade sobre o Tráfico de Mulheres (Vera Vieira – diretora da Associação Mulheres pela Paz, doutora em comunicação e feminismo pela USP/ECA) + Debate |
| 10h às 11h | Perspectiva feminista sobre a incidência de mulheres traficadas (Adriana Piscitelli - pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp; autora do livro "Trânsitos - brasileiras nos mercados transnacionais do sexo") + Debate |
| 11h às 11h15 | Café |
| 11h15 às 12h30 | A vulnerabilidade das mulheres negras (roda de conversas e discussões) |
| 12h30 às 14h30 | Almoço |
| 14h30 às 15h30 | Orientação Sexual e Identidade de Gênero como fatores agravantes no tráfico de pessoas (Janaina Rodrigues de Lima - ativista do movimento de travestis) + Debate |
| 15h30 às 16h30 | Masculinidades na desconstrução da coisificação da mulher (Otávio Prado Alabarse - médico pela USP, residência em psiquiatria pela Unicamp, mestre e doutorando em saúde mental pela Unicamp, autor do livro "Um Divã no Campo de Batalha") + Debate |
| 16h30 às 17h30 | Plenária para levantamento das recomendações de políticas públicas necessárias nos diversos âmbitos |

As expectativas



O Seminário de Capacitação sempre tem início com a apresentação das pessoas participantes e o levantamento de expectativas, as quais são simbolizadas por palavras.



Exposição de Vera Vieira



Vera Vieira, diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz, é doutora em comunicação e feminismo pela USP/ECA. Após apresentar as informações sobre o projeto, ela ressaltou que “somente no ano 2000 o problema foi reconhecido como uma questão global e transnacional significativa, por ocasião da Convenção de Palermo (promovida pela ONU). O governo brasileiro ratificou o Protocolo de Palermo em 2004 e passou a adotar algumas medidas para o enfrentamento da grave questão. As vítimas são destinadas a prostituição forçada, comércio de órgãos, trabalho escravo (em latifúndios, na pecuária, oficinas de costura e na construção civil), adoção ilegal, servidão doméstica, casamentos forçados.

Quase 83% das vítimas são mulheres para fins de exploração sexual. O crime é subnotificado por falta de informação, dificuldade em se reconhecer como vítima, vergonha, medo de vingança por parte do agressor”. Ao final, ela apresentou os principais resultados da pesquisa nacional inédita sobre a percepção da sociedade sobre o tráfico de mulheres: 96% das pessoas entrevistadas acreditam na existência do tráfico de mulheres e que isto está muito perto de nós, quando 82% percebem que a questão existe em sua própria cidade, sendo que 16% conhecem ou já ouviram falar de mulheres vítimas do tráfico. E 68% entendem que são as mulheres e as crianças, o alvo preferido dos traficantes de seres humanos. 43% das pessoas entendem que o tráfico se dá com o consentimento das vítimas. A maioria entrevistada (80%) acredita que as vítimas procuram uma vida melhor. Um pouco mais da metade (55%) acha que as vítimas querem uma vida fácil. 99% apontam a denúncia contra o tráfico como um fator relevante para o enfrentamento da questão. No entanto, 93% das pessoas entrevistadas ponderam que as vítimas que denunciam o tráfico correm o risco de serem assassinadas. Falta informações sobre a questão, reclamam 87% dos entrevistados. 66% entendem que a mídia informa sobre o tráfico apenas sob o enfoque criminal o que reforça a culpabilização de suas vítimas e as expõe de forma estigmatizada, agudizando ainda mais o preconceito contra elas e a população do entorno acaba por querer se afastar do problema, evitando assim de dar sua contribuição para prevenir e erradicar o tráfico humano. Por outro lado, 17% se acham bem informados.



Exposição de Adriana Piscitelli



“ Perspectiva feminista sobre a incidência de mulheres traficadas” foi o tema a cargo de Adriana Piscitelli, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/ Unicamp; autora do livro “Trânsitos - brasileiras nos mercados transnacionais do sexo”. Ela ressaltou alguns aspectos importantes, tais como as formas que essas perspectivas têm influenciado as noções, as ideias sobre o que é tráfico de pessoas e de leis voltadas para o combate ao tráfico de pessoas. Também atentou para os riscos colocados pelas confusões sobre o entendimento de tráfico de pessoas: “A vinculação das mulheres com o sexo é a raiz de sua opressão e abuso. A prostituição é um caso extremado do exercício abusivo do sexo. A prostituta é vítima de violência, objeto sexual, ser passivo e carente de poder. A vinculação das mulheres com o sexo é a fonte de seu maior poder. A prostituta seria um símbolo da autonomia sexual das mulheres e uma ameaça ao controle patriarcal sobre a sexualidade das mulheres. O sexo é situado no marco de uma cultura de dominação masculina, mas não é inteiramente determinado por ela; em contextos sociais e políticos específicos é um terreno de luta – a prostituta como agente. A prostituição é um mal e o tráfico de pessoas é o mal que a acompanha”. Adriana ressaltou a diferença de entendimento existente sobre a perspectiva feminista: de um lado, não reconhecem distinção entre prostituição forçada e por livre escolha; de outro, apoiam os direitos das trabalhadoras sexuais e consideram que o tráfico é favorecido pela falta de proteção de trabalhadores(as) na indústria do sexo.



Roda de Conversa



“A vulnerabilidade das mulheres negras” foi o tema objeto de uma roda de conversa, coordenado por Amelinha Teles, que é fundadora da União de Mulheres de São Paulo, em função da indisponibilidade de agenda por parte das lideranças indicadas previamente. Para fomentar os debates, Amelinha apresentou algumas estatísticas constantes do Atlas da Violência 2017: “As pessoas brasileiras afrodescendentes são a segunda população negra do mundo, sendo a primeira a da Nigéria. O Brasil Negro é o 105º país na classificação mundial do desenvolvimento humano. Enquanto o Brasil Branco fica em 44º. Na hierarquia social, os homens brancos se encontram à frente das mulheres brancas que, por sua vez, estão a frente dos homens negros e por última da fila estão as mulheres negras. A abolição da escravidão não incluiu nenhuma garantia ou reparação à população negra escravizada. Enquanto 19,5 % da população branca encontra-se abaixo da linha da pobreza, são 41,7% da população negra nessa situação, ou seja mais do que o dobro. Ocupam os lugares de trabalho de menor remuneração e naqueles considerados tradicionalmente femininos. O trabalho doméstico historicamente tem sido realizado por mulheres negras, o que reforça a estigmatização e a subordinação. O tráfico internacional de mulheres atinge por volta de 75 mil mulheres em países europeus em regime de escravidão, sendo principalmente jovens negras. A banalização da violência invisibiliza os altos índices de assassinatos no Brasil. Anualmente **são assassinadas cerca de 61 mil pessoas, cuja maioria são jovens negros**; nosso país ocupa o 5º. lugar no *ranking* de assassinatos de mulheres e são denunciados 50 mil estupros por ano.



Exposição de Janaína Rodrigues de Lima



“Orientação sexual e identidade de gênero como fatores agravantes no tráfico de pessoas” foi o tema apresentado por Janaína Rodrigues de Lima, que é ativista do movimento de travestis. Ela iniciou sua fala com um retrato de quem são as travestis: baixa escolaridade, vulnerabilidade social, sem apoio familiar, culpabilizada pela violência sofrida e com zero de empregabilidade. Janaína relembrou que o Brasil é o país que mais mata a população LGBT no mundo, bem como o aumento do preconceito e discriminação a essa população nos dias atuais, apresentando algumas fotos de assassinatos cruéis, antecedidos por práticas de extrema tortura. Ela ressaltou que a vítima do tráfico de pessoas está em busca de um sonho de uma vida melhor em todos os sentidos. E citou uma frase de Marina Bernardes de Almeida, quando era coordenadora de Política de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Ministério da Justiça: “Muitas vezes, as vítimas não se enxergam como vítimas desse crime ou têm medo de denunciar por sofrer represália porque os aliciadores conhecem as famílias. A principal dificuldade hoje é ter dados mais concretos deste crime”.



Exposição de Otávio Prado Alabarse



“Masculinidades na desconstrução da coisificação da mulher” ficou a cargo de Otávio Prado Alabarse, que é médico pela USP, com residência em psiquiatria pela Unicamp, mestre e doutorando em saúde mental pela Unicamp, autor do livro “Um divã no campo de batalha”. Ele falou inicialmente sobre sua experiência no atendimento psiquiátrico às vítimas de guerra no Iraque, em 2007, em hospitais e em campos de refugiados. Havia muitas mulheres que cometiam o suicídio ateando fogo ao próprio corpo. “A enfermagem feminina de queimadas registrava uma média de quarenta tentativas de suicídio de garotas entre 12 e 19 anos”, disse ele. “Eu procurava ser uma boa esposa e fazer tudo o que ele queria, mesmo contrariada”, declarou uma delas. “*Doctori*, foi acidente, diga para a minha família que foi acidente. Eles me disseram que, se descobrirem que foi uma tentativa de suicídio, me levarão para o meio do deserto e me deixarão lá, até que eu morra. Por favor, diga que foi um acidente”, declarou outra. Em seguida, falou sobre sua experiência no atendimento às vítimas de violência sexual no Caism/ Unicamp, incluindo trabalho com os autores. Para focar a construção das masculinidades em nossa sociedade, Otávio citou as mudanças socioemocionais dos autores: raiva, culpa, culpabilização da mulher, mudança de rotina, desejo de terminar a relação, sentimento de injustiça, mudança de endereço, desesperança, dificuldade para trabalhar.



Recomendações de Ações e Políticas Públicas nos diversos âmbitos



- ↳ Realizar atividade no dia 30 de julho – Dia Nacional de Enfrentamento Mundial do Tráfico de Pessoas.
- ↳ Realizar ato no dia 18 de maio contra abuso/exploração sexual x crianças e adolescentes.
- ↳ Levar a discussão sobre o tema para nossas organizações.
- ↳ Acessar as escolas por meio da Rede para debater o tema.
- ↳ Realizar diagnóstico territorial das violências.
- ↳ Acionar a Prefeitura Municipal de Campinas, exigindo Políticas Públicas sobre o tema (discutir estratégias).
- ↳ Implementar a rede de enfrentamento.
- ↳ Propor a formação de agentes públicos para o atendimento (preventivo, de educação) - entidades civis, conselhos prioritários programas de atendimento, ONGs, promotoria, defensores públicos.
- ↳ Formar uma comissão das/os participantes para fazer a articulação.
- ↳ Articular e levar o tema na Intersetorial.
- ↳ SISNOV (Municipal) (Sistema Municipal de Violência) incluir vítimas de tráfico.

Recomendações de Ações e Políticas Públicas nos diversos âmbitos



- ↳ Denúncia feita ao Conselho Tutelar (cobrar Incluir no abrigo as mulheres trans. caso de menor).
- ↳ Secretaria de Segurança Pública se coloca à disposição.
- ↳ Levar a discussão para o Conselho da Mulher visando ações de articulação

A Equipe



A Associação Mulheres pela Paz contou com os esforços de Walkíria Ferraz, Rodrigo Perini, Vera Vieira e Amelinha Teles.

Registre-se o empenho das lideranças representantes das parcerias locais, sem o que não seria possível o sucesso das atividades.

